

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.

Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco*

O livro da Professora Doutora Maria Nazareth Soares Fonseca é uma obra ensaística sobre as Literaturas africanas de língua portuguesa. Nos vários capítulos, memórias e viagens entrecruzam-se ao sabor e saber, principalmente, das letras angolanas, moçambicanas e cabo-verdianas. Muitas das leituras feitas dialogam com a produção literária brasileira, já que Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, entre outros, foram influências significativas para essas literaturas. Além disso, uma revisitação do trajeto histórico do passado colonial, imbricado entre África e Brasil, também está presente em diversos estudos reunidos neste compêndio.

A autora inicia seus ensaios situando as Literaturas africanas de língua portuguesa num contexto mais amplo de outras literaturas, não se esquecendo do papel fundamental dos escritores das diásporas. Para compreender melhor a produção discursiva analisada, Nazareth busca conceitos como “negritude”, “local da cultura” e “culturas híbridas”, recorrendo a teóricos como Césaire, Homi Bhabha, Edward Said, entre outros.

Na primeira parte do livro, são abordados diferentes projetos literários que se revelam significativos para a construção das nacionalidades em países como São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. Maria Nazareth enfatiza o surgimento da revista cabo-verdiana **Claridade**; a publicação do livro **Ilha de Nome Santo**, de Francisco José Tenreiro, de São Tomé; o movimento dos Novos Intelectuais de Angola e as revistas angolanas **Mensagem** e **Cultura**; os jornais **O Brado Africano**, **Itinerário** e **Msaho**, em Moçambique; a antologia **Mantinhas para quem luta**, na Guiné-Bissau. Nessa primeira parte, a ensaísta tece, também, uma intertextualidade com a Literatura Brasileira, por intermédio de leituras que evidenciam a presença de obras e autores de nossas letras em vários textos africanos. Além dessas interpretações de ordem comparatista, a autora ativa percursos da memória, analisando a produção poética de grandes autores de Angola e Moçambique, como: Ruy Duarte de Carvalho, Paula Tavares, Luandino Vieira, José Craveirinha, Mía Couto, Virgílio de Lemos e João Paulo Borges Coelho, traçando, enfim, um painel sintético das produções desses

* Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

escritores e poetas. Ainda nessa parte, encontram-se estudadas obras pertencentes a vozes femininas, investigadas em antologias publicadas em períodos cujas fronteiras estão marcadas pelas independências dos países africanos de língua portuguesa.

Na segunda parte do livro, a relação entre erotismo e misticismo é focalizada como estratégia transgressora capaz de se opor à ideologia escravista que foi responsável por codificar as categorias raciais como produtos da natureza. Teóricos como Franz Fanon e René Depestre são convocados para fundamentarem o questionamento ao racismo. Para comprovar a representatividade de tal teoria, a autora analisa obras de Luandino Vieira, entre as quais **João Vêncio: os seus amores**. Demonstra, desse modo, como o erotismo e o misticismo também podem assumir percursos no campo da literatura.

Nessa parte, a autora discorre sobre o tema das identidades de fronteira em produções híbridas, navegando por obras de teóricos desses assuntos, como Stuart Hall, Homi Bhabha, entre outros. Sinaliza para cruzamentos e interculturalidades, quando analisa, por exemplo, o poeta Francisco José Tenreiro, ou ainda, Mário Pinto de Andrade e René Depestre, críticos do colonialismo em terras africanas e nas Antilhas.

Percurso semelhante a ensaísta faz ao analisar **A correspondência de Fradique Mendes**, de Eça de Queiroz e **Nação crioula**, de José Eduardo Agualusa. Memória e História transitam nesse capítulo, apontando para outros lugares, outros olhares, outros cruzamentos culturais, outras relações tecidas a partir de mutações, errâncias e migrações que, segundo o pensamento de Glissant, produzem identidades compósitas, efêmeras, híbridas. Maria Nazareth Soares Fonseca encerra sua análise demonstrando como o romance de José Eduardo Agualusa defende um projeto que visa a impedir o esquecimento da história do Atlântico Negro que, no passado, uniu triangularmente Portugal, Angola e Brasil.

Na última parte do livro, a autora imputa ao mestre Craveirinha um saber de mais-velho, ou seja, um saber de poeta consagrado que ajudou a construir sentidos para a moçambicanidade. Exalta a beleza dos textos poéticos do Velho Cravo, Prêmio Camões em 1992, assim como a virulência de seus versos que subverteram a língua do colonizador, imprimindo nela ritmos e sintaxes do português falado em Moçambique. Analisando poemas de José Craveirinha e de outro grande poeta moçambicano, Virgílio de Lemos, a autora comprova a importância de se conhecer melhor as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

O livro de Fonseca, produzido pela Editora Veredas & Cenários, com o apoio do CNPq, lançado em 2008, é, por conseguinte, não apenas mais uma obra fundamental para ser adotada em cursos de graduação e pós-graduação na área das Literaturas Africanas, mas, também, é recomendável aos estudiosos, em geral, das Ciências Humanas e Sociais.